



Número de trabalhadoras que deixaram de exercer atividades remuneradas, por conta da pandemia, é bem maior do que o de homens. Muitas não conseguirão voltar quando o pior passar

# Crise tira 6,6 milhões de mulheres do emprego

» SARAH TEÓFILO  
» ALEXIA OLIVEIRA\*  
» FERNANDA STRICKLAND\*

A taxa de desocupação entre mulheres (16,4%), no quarto trimestre de 2020, foi maior do que entre homens (11,9%), segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, e apresentou aumento em relação ao início de 2020, quando era de 14,5%. Mas o número que chama mais atenção é o de pessoas fora da força de trabalho — aquelas que não estão trabalhando nem tomando providência efetiva para conseguir emprego — que cresceu de modo significativo durante a pandemia do novo coronavírus.

Pesquisadores apontam que essa é uma característica da crise sanitária — o crescimento do número de pessoas que deixam a atividade por doença ou por outros motivos, e não retornam imediatamente ao mercado de trabalho. Dentre essas pessoas, as mais atingidas são as mulheres, sobretudo as mães solas. Entre o quarto trimestre de 2019 e o mesmo período do ano passado, 6,6 milhões de mulheres deixaram a força de trabalho, enquanto no caso dos homens, o número foi de 4,2 milhões.

Moradora de Guarulhos (SP), Susana Mattos, 29 anos, é uma das brasileiras que está fora da força de trabalho. Ela perdeu o emprego em abril do ano passado, em consequência de uma demissão em massa feita pela empresa na qual trabalhava. Como estava empregada havia menos de seis meses, não recebeu o seguro-desemprego, e a casa passou a depender 100% da remuneração do marido, que cuida das despesas essenciais. Susana diz contar também com um auxílio-merenda de R\$ 80 e com doações. “Nossa alimentação é meio precária. Apenas o básico”, diz.

Sem poder recorrer a creches, e com os filhos fora da escola, devido à suspensão das aulas, ela passou a cuidar deles, ficando apenas em casa, sem exercer nenhuma atividade remunerada. “Queria trabalhar, mas não tenho com quem deixar meu filho mais novo, e tenho ficado com ele em casa desde então. No começo da pandemia, fiquei bem perdida, me cobrava demais. Mas fiz duas mentorias sobre organização do lar e gestão do tempo, e estou me saindo melhor. Porém ainda fico muito triste por não ter encontrado uma saída, uma outra renda. Me sinto incapaz”, conta.

## Crise atípica

A pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Joana Costa afirma que “a crise econômica gerada pela pandemia é muito atípica, por aumentar não só o desemprego, como a inatividade, em especial, em relação às mulheres”. “Essa não é uma característica do Brasil; é do mundo inteiro”, diz. Um dos fatores que explicam o fato de as mulheres estarem em casa e sem procurar emprego é o fechamento de creches e escolas, sobrecarregando o trabalho doméstico que, segundo a pesquisadora, por uma questão social, acaba ficando sob responsabilidade maior das mulheres.

Com o vírus circulando, não é possível contar com amigos ou familiares para ficarem com os filhos enquanto a mulher trabalha. “Tudo isso contribuiu para que a mulher tenha sofrido um impacto maior no mercado de trabalho com a crise”, relata. Joana frisa que as diferenças por gênero no

## Mulheres na força de trabalho

A pandemia agravou as dificuldades já enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, elas sofreram com maiores índices de desocupação e inatividade

### Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)\*

Saldo de empregos 2020	Atividade	Homens	Mulheres
-111.567	Agropecuária	48.431	9.755
	Comércio	44.233	-43.109
	Construção	97.352	9.126
	Indústria	76.084	12.573
	Não identificado	-536	-407
	Serviços	-66.213	-99.505

Saldo de empregos jan a abril de 2021	Atividade	Homens	Mulheres
340.850	Agropecuária	49.366	11.209
	Comércio	82.582	12.041
	Construção	102.201	11.111
	Indústria	131.749	95.878
	Não identificado	-184	-125
	Serviços	130.510	210.736

### Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua

Força de trabalho	Entre o 4º trimestre de 2019 e o 4º trimestre de 2020
Mulheres	6,6 milhões deixaram a força de trabalho
Homens	4,2 milhões deixaram a força de trabalho

Entre o 1º trimestre de 2020 e o 4º trimestre de 2020	
Mulheres	5,5 milhões deixaram a força de trabalho
Homens	3,4 milhões deixaram a força de trabalho

### Taxa de desocupação

4º trimestre 2020	
Homens	11,9%
Mulheres	16,4%

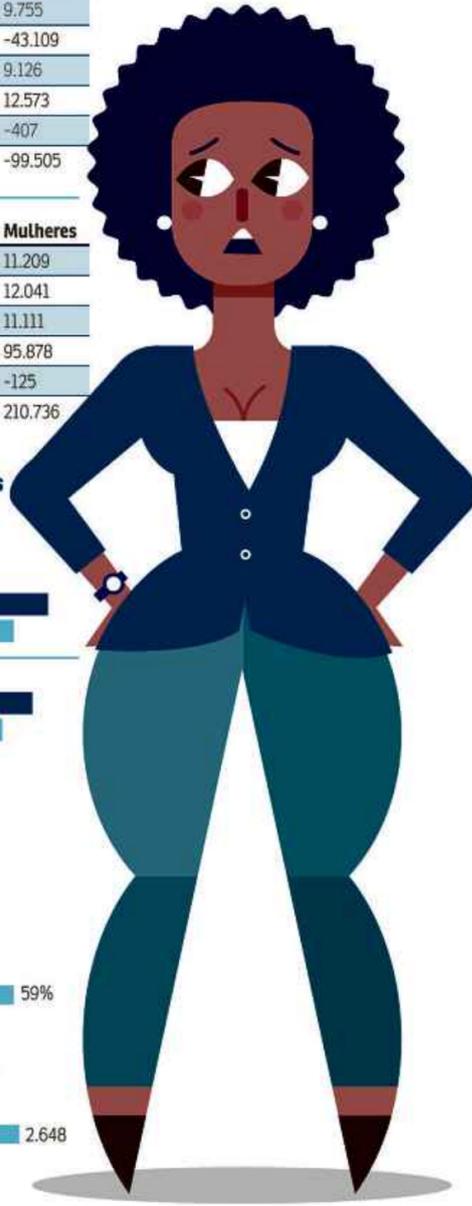
### Nível de Ocupação

4º trimestre 2020	
Homens	59%
Mulheres	40%

### Rendimento médio real do trabalho principal

1º trimestre de 2020	
Homens	2.648
Mulheres	2.052
Diferença	29%

\*Dados com ajustes, compilados na última semana



Fonte: IBGE e Ministério da Economia (Caged)



**Querida trabalhar, mas não tenho com quem deixar meu filho mais novo. Fico muito triste por não ter encontrado uma saída, uma outra renda. Me sinto incapaz”**

**Suzana Mattos,**  
desempregada desde abril de 2020



**A crise econômica gerada pela pandemia é muito atípica, por aumentar não só o desemprego, como a inatividade, em especial, em relação às mulheres. Essa é uma característica do mundo inteiro”**

**Joana Costa,**  
pesquisadora do Ipea

mercado de trabalho não foram criadas com a crise. “A crise só reforçou a desigualdade”, diz.

Doutora em economia e professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Diana Gonzaga comenta que, como ainda são atribuídas às mulheres boa parte das atividades domésticas, muitas que são mães e que não puderam trabalhar remotamente acabaram desistindo do emprego ou escolheram não retornar, entrando para a estatística do contingente de pessoas consideradas “fora da força de trabalho” (inativas).

Apesar do agravamento das dificuldades enfrentadas pelas mulheres, no ano passado, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos deixou de executar recursos, chegando ao final de 2020 com um saldo de mais de

R\$225 milhões, como aponta um estudo do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc). A assessora política do instituto, Carmela Zígoni, explica que a análise observou o fenômeno ocorrendo mesmo em um cenário de crise econômica e social.

### Mais afetadas

Daniela Freddo, professora do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB), afirma que, entre as mulheres, as mais afetadas são as mães de crianças pequenas. Pesquisa do IBGE aponta que residências com crianças de até três anos de idade têm menor nível de ocupação de mulheres. Neste cenário, a professora ressalta que, no caso das mulheres que não são chefes de família, fica

comprometida a independência que elas vinham conquistando em relação ao marido como provedor.

Economista e pesquisadora do Ipea, Maria Andreia Lameiras explica que a pandemia aprofundou as diferenças, e o caminho será mais árduo rumo à igualdade no mercado de trabalho. Assim, quando a economia começar a retomar o crescimento, e houver abertura de mais vagas de emprego, a mulher demitida durante a pandemia, ou que teve que deixar a força de trabalho para cuidar dos filhos ou familiares, irá concorrer com homens mais qualificados que não deixaram o mercado. “A mulher com baixa qualificação, baixa escolaridade, que estava sem trabalhar, vai demorar mais a ser absorvida”, diz.

\* Estagiárias sob a supervisão de Odail Figueiredo



**Brasil S/A**

por **Antonio Machado**  
machado@cidadebiz.com.br

## Outro vírus letal

**T**risteza é o sentimento dominante entre nós, brasileiros. Só doente da cabeça pode estar satisfeito com “tudo isso que está aí”. Mortes excessivas, devido ao desgoverno da pandemia, e emprego de menos, por décadas de des-caso com o investimento produtivo e a formação da população, resumem a nação fracassada. Poderíamos ser das mais bem-sucedidas. Há tudo para isso. Esse é o enigma a desvendar.

Por onde começar? Já ajuda ignorar o besteiro de Jair Bolsonaro — meras distrações para desviar o foco sobre sua falta de rumo, além de prioridades infantis. Por que, por exemplo, beatificar vermífugo e cloroquina contra ameaça viral só tratável, seja qual for o tipo de vírus — H1N1, poliomielite etc. —, com vacina?

Por que insistir em armar a população, em vez de requalificar o aparato policial, detentor do monopólio constitucional da força? Ou seu ministro da Economia, um trader de mercado financeiro que se vê como formulador macroeconômico, entender a miséria como secura da preguiça dos pobres e supor que o Estado é a causa do crescimento econômico estagnado, merecendo, por isso, ser desmontado?

Em que parte do mundo o Estado é inimigo da pujança empresarial, se ela floresce em países com a economia planejada, como a China dita marxista, e em sociedades autenticamente liberais, como Japão, Suíça e Alemanha, todas com setor público amplo, embora eficiente?

Nos EUA, matriz ideológica de nossos liberais de vitrine, nunca se repudiou o Estado desenvolvimentista, apesar da arenga neoliberal. Nem poderia, com orçamento militar de US\$ 700 bilhões, maior que o dos nove países seguintes neste ranking. Tais mecanismos do Estado estão “solidamente ‘escondidos’ atrás do barulho ensurdecedor dos encantamentos do livre mercado”, dizem os professores Stefan Link e Noam Maggor num ensaio intrigante publicado pela Oxford Press.

O Estado, ou “governo grande” como prefere criticar a ortodoxia do livre mercado, conspira contra as atividades privadas em países nos quais o governante e seus apoiadores assumiram com discurso contra a corrupção, a defesa da liberdade individual, ataques contra ricos desalmados, e se tornaram déspotas ignorantes e cruéis, presidindo tiranias que, no Brasil, se tenta colar em quem diverge de Bolsonaro.

### Financismo escalafobético

A Venezuela, avocada como exemplo do que o Brasil pode tornar-se com o modelo econômico praticado desde o fim do planejamento econômico dos anos 1970 e porcamente reabilitado no governo Dilma Rousseff, é o oposto do Estado desenvolvimentista. Como El Salvador, onde o seu jovem presidente, Nayib Bukele, se serviu de maioria legislativa para chutar a autonomia do Judiciário, ocupando-o com apunhaçados — um ato ditatorial elogiado no Twitter por um dos filhos de Bolsonaro.

Tais governos fracassados ou são vítimas ou são vilões do modelo econômico que mal compreendem, sendo repudiado por uma maioria que só faz crescer no mundo — da França e Itália, na Europa, a Chile, Colômbia e Argentina, na América do Sul, e aos EUA de Trump e Biden.

Surpreendente é que, tanto os empresários da economia real, quanto a larga parcela empobrecida da sociedade, ou tratada como invisível, estejam passivos, apesar das evidências do fracasso do financismo escalafobético que pilota há 40 anos a macroeconomia. Guedes culpa os governos socialdemocratas, supostamente pelo olhar social, que houve, mas mais como compensação ao crescimento píffo que pelo que os bolsonaristas imaginam — um viés esquerdista. Não sabem nada.

### Estagnação é marca antiga

Os dados oficiais dão a dimensão dos 40 anos perdidos no Brasil, e exemplos comparativos abundam. A renda per capita brasileira era o dobro da da Coreia do Sul em 1960. Em 1980, estavam empatadas. Hoje, a deles excede o dobro da nossa. Em relação à China, nossa renda era o triplo em 1960; cinco vezes maior em 1980; hoje já é igual.

“Se mantiver o crescimento dos últimos 40 anos (0,9%), o nível do PIB per capita voltaria ao mesmo nível pré-recessão só no terceiro trimestre de 2028”, dizem os economistas da FGV Marcel Balassiano e Juliana Carvalho Trace. Se mantiver o ritmo de 2019 (0,3%), dizem, “o cenário será mais dramático, voltando ao mesmo nível só daqui a mais de 25 anos” (ou seja, em 2045). Não mudar equivale ao time ameaçado de rebaixamento que repete técnico e escalação.

De 2011 a 2020, o PIB cresceu no acumulado de 10 anos 2,2%, e sem crise internacional para justificar desempenho tão píffo. Na década que se foi, pelos dados do FMI, o mundo cresceu 30,5%. As economias emergentes cresceram 47%. Foi um massacre. A população avançou 8,7% nestes 10 anos, implicando queda da renda per capita de 0,6%.

Estagnação é marca antiga. Retrocedendo há 40 anos, chegasse a um crescimento médio anual de 2%. Esse é o enigma a elucidar: a falta de crescimento ao menos em linha com a expansão econômica mundial.

### É preciso reler o passado

É muita ingenuidade e ideologia radical supor que reformas de viés liberal sejam suficientes para destravar a economia. Falta-nos mais que tudo enfrentar o passado recente da ditadura, bem estudado pela vertente da privação da liberdade e atentados aos direitos humanos, mas pouco considerado pelo seu aspecto econômico.

As distorções do período, com estatização, dirigismo empresarial, concentração de renda e financiamento com dívida externa, marcaram de morte o sentido do planejamento nacional e do Estado como agente coordenador do desenvolvimento, que é o que distingue o mundo bem-sucedido de sua porção fracassada ou sem futuro. Obviamente, não se trata de resgatar esse modelo, mas adaptá-lo ao tempo tecnológico.

Como diz Jonathan Levy no livro *Ages of American Capitalism: A History of the United States*, referência para se informar sobre a visão econômica de Joe Biden, os ganhos econômicos nos EUA sempre foram conduzidos pelo Estado. “Política de mercado e instituições de desenvolvimento têm sido a regra, e não a exceção”, diz.

### Para voltar a alegria

Mas e o cronismo, o compadrio, a corrupção?, criticará o cético de sapatênis. Stephen Haggard, da Universidade da Califórnia, conta, em *Developmental States*, que “forjar políticas industriais eficazes (na Ásia) não envolveu burocratas isolados escolhendo ‘vencedores’, mas instituições políticas facilitando a coordenação entre Estado e atores privados num processo interativo de aprendizagem”. Está aí.

Esse é o caminho. Estado e sociedade, incluindo o capital, atuando juntos, não divorciados, como tem sido aqui. Faremos? Para voltar a alegria perdida, a resposta é essa. Mas com cloroquina apenas contra malária, e ivemercina contra sarna e piolho. Taoquei?